

# Polifonia: a Análise do Discurso em duas diferentes abordagens

## *Polyphony: Discourse Analysis in two different approaches*

### **Leonardo de Oliveira**

Mestrando em Letras na Universidade Federal de Lavras – UFLA.  
E-mail: loliveira10091@gmail.com

### **Lucimara Grando Mesquita**

Mestranda em Letras na Universidade Federal de Lavras – UFLA.  
E-mail: lucigrando123456@hotmail.com

---

**Resumo:** A proposta deste estudo é apresentar o conceito de polifonia a partir de duas teorias de Análise do Discurso distintas: o Modelo de Análise Modular (MAM), que considera o discurso como um fenômeno complexo e passível de ser decomposto em sistemas de informações a serem descritas de forma independente para posteriormente agrupá-las na produção de sentido; e a Filosofia da Linguagem, teoria proposta pelo Círculo de Bakhtin, que visa à compreensão da linguagem a partir do processo de interação dialético-dialógica entre os sujeitos. Para alcançar nosso objetivo, iniciamos nosso percurso metodológico a partir da exposição do conceito pelo prisma da Filosofia da Linguagem e, na sequência, segundo o Modelo Modular. Por último, refletiremos sobre o conceito de polifonia proposto por essas duas correntes observando semelhanças e diferenças entre elas por intermédio da análise de um conto. Acreditamos que a tônica dessa discussão contribuirá para o aprofundamento dos estudos da linguagem centrados na possibilidade de diálogo entre diferentes aportes teóricos.

**Palavras-chave:** Polifonia. Filosofia da Linguagem. Análise Modular.

**Abstract:** The purpose of this study is to present the concept of polyphony from two different Discourse Analysis theories: the Modular Analysis Model (MAM), which considers speech as a complex phenomenon that can be decomposed into information systems to be described independently to later group them in the production of meaning; and the Philosophy of Language, a theory proposed by the Bakhtin Circle, which aims to understand language from the process of dialectical-dialogic interaction between subjects. To achieve our goal, we started our methodological path from the exposure of the concept through the prism of Language Philosophy and, subsequently, according to the Modular Model. Finally, we will reflect on the concept of polyphony proposed by these two currents, observing similarities and differences between them through the analysis of a short story. We believe that the focus of this discussion will contribute to the deepening of language studies focused on the possibility of dialogue between different theoretical contributions.

**Keywords:** Polyphony. Philosophy of Language. Modular Analysis.

---

## *1 Considerações iniciais*

As primeiras considerações sobre *polifonia* surgem na Idade Média e consistem no estabelecimento de um método de composição musical em que várias vozes se

“sobrepõem” umas às outras, soando de forma harmônica, porém, não em uníssono, não totalmente “fundidas”. Há dúvidas quanto ao seu surgimento, especificamente do conceito, porém sabemos da sua origem popular e da oposição aos cantos gregorianos da igreja, que, a partir da Escola de Notre-Dame de Paris, passam a contestá-los e fazem surgir várias outras formas musicais polifônicas.

Assim, na metade do século XIII, surge a ideia de uma independência de vozes que vão permitir que tanto a melodia trovadoresca quanto o canto gregoriano apareçam simultaneamente numa mesma peça, ou seja, que uma voz, por exemplo, cante um hino em latim, enquanto a outra cante em francês.

Transposto para os dois campos de estudo que aqui abordaremos, pretendemos analisar como o conceito de polifonia é tratado em uma e outra teoria, mostrando-o por meio de um *corpus* literário ilustrativo das questões teóricas acerca desse conceito que trataremos à baila.

## 2 A Filosofia da Linguagem

A Filosofia da Linguagem é uma corrente de pensamento desenvolvida por Bakhtin e pelo círculo de intelectuais do qual fazia parte; postula a concretude de toda e qualquer enunciação enquanto acontecimento real no mundo. Para o círculo, a linguagem é muito mais que mero sistema de signos e não apenas uma abstração cujas regras e sentidos de que é dotada se encerram nela mesma. Bakhtin e o círculo veem a linguagem como um fenômeno essencialmente interativo e dialógico; a sua manifestação só tem razão de existir entre duas ou mais consciências através das quais a comunicação adquire vida e permite a mútua compreensão dos sujeitos e entre estes e o mundo. O círculo vai ainda muito além das concepções de língua até então vigentes ao compreenderem que é justamente na e pela linguagem que os próprios seres humanos podem se constituir enquanto sujeitos, pois no processo interativo não podem constatar o que de dentro de si mesmos, ou melhor, das posições únicas que ocupam no mundo, o todo em constante atualização em que consistem. Em outros termos, cada sujeito depende da visão de, no mínimo, um outro sujeito que possa conferir-lhe a sensação de completude, ainda que de forma difusa e provisória, a partir de suas concepções discursivamente manifestas, de sua voz-outra.

Entre muitos outros aspectos importantes, o círculo entende que a real unidade da comunicação discursiva e, portanto, o objeto de estudo da filosofia da linguagem, é o enunciado, instância em que os sujeitos em diálogo se tornam perceptíveis e passíveis de análise por conta das representações acerca de si mesmos, dos seus interlocutores, do tópico de seus enunciados, das situações imediatas de enunciação e dos contextos em que todos esses elementos estão inseridos, todos eles demonstráveis por intermédio da linguagem e intrinsecamente ligados a ela.

Com base nesses aspectos para os quais o círculo se atenta, pode-se perceber que a linguagem é em realidade uma manifestação extremamente opaca, não dissociada dos sujeitos e do mundo, como supõe a visão estruturalista, por exemplo. Por meio da linguagem, um sem-fim de representações, pontos de vista, ideologias e valores são postos em diálogo num jogo ao qual Bakhtin se refere, em *Estética da criação verbal*, da seguinte forma: “para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias

palavras e nas do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 379-380).

Essa mencionada “tensa luta dialógica” da citação encerra o fato fundamental para filosofia de linguagem de que toda enunciação põe em contato polêmico vozes que as constituem e que se lançam em verdadeiro embate na comunicação discursiva. Cabe salientar que, por embate ou luta dialógica, entende-se qualquer encontro constitutivo das enunciações entre dizeres que podem ou não coexistirem num sentido tanto de embate, no sentido radical da palavra, ou seja, enquanto briga, bate-boca ou ofensa, ou na simples contra-argumentação respeitosa entre pontos de vista dissonantes.

Feitas essas considerações, tem-se em mente o fio condutor para o pensamento acerca de um dos desdobramentos conceituais que se originaram a partir das reflexões do Círculo de Bakhtin, a saber, o conceito de polifonia.

### 2.1 A polifonia a partir da Filosofia da Linguagem

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin faz um estudo exaustivo do gênero romanesco, perscrutando os seus precursores que remontam à Antiguidade clássica para compreender a linha evolutiva que culminou com o surgimento do romance como hoje o conhecemos. Nessa perspectiva diacrônica, o estudioso percebe que desde a Grécia antiga já existiam gêneros caracterizados pela dessacralização de gêneros canônicos como a tragédia, a epopeia, a lírica, entre outros.

Bakhtin descreve esse fenômeno da “profanação” desses gêneros rígidos, sérios e praticamente imutáveis com o que chama de carnavalização, processo pelo qual se descaracteriza os valores cultivados por esses “gêneros sérios” ao se incluir aspectos lúdicos que refletem dinâmicas sociais intrínsecas às enunciações. Nesse contexto, emergem os gêneros que o filósofo russo denomina como sério-cômicos, dotados de atributos até então inadmissíveis às tragédias e à poesia, por exemplo. Compreendendo que a heterogeneidade das interações sociais implica uma equivalente heterogeneidade enunciativa, Bakhtin investiga o processo evolutivo de gêneros sério-cômicos, como o diálogo socrático e a menipeia, para apontar através da genealogia deles, como possibilitaram, ao longo de séculos de transformações, o surgimento do romance.

Essa extensa investigação leva Bakhtin a constatação de que o romance é uma derivação da sátira menipeia e de alguns elementos do diálogo socrático, dos quais herdou a capacidade de congregiar manifestações enunciativas de diferentes naturezas, o que não se observa nos mencionados gêneros tidos como canônicos. Perfazendo com riqueza de detalhes e critério metodológico o percurso histórico desses gêneros, o estudioso chega à obra de Dostoiévski, a qual aponta como um divisor de águas na literatura universal. Os romances e os seus predecessores têm como atributo a congregação de outros gêneros, que, nesse âmbito, são representados artisticamente por meio das enunciações entre os personagens de uma obra, mas, em Dostoiévski, Bakhtin encontra algo inédito na literatura: ele nota que a forma de composição dos seus personagens obedece a uma lógica muito diferente da de qualquer outro autor. Segundo aponta com uma infinidade de exemplos, Dostoiévski dá voz aos seus personagens sem impor a elas os seus próprios pontos de vista sobre os acontecimentos narrados e sobre

o mundo, num procedimento pelo qual constrói o que Bakhtin chama de romance polifônico. Sobre essa particularidade do escritor russo, o filósofo afirma:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2010, p. 4-5).

Nota-se que, diferentemente de outros escritores, Dostoiévski foi capaz de conferir vozes próprias aos seus personagens, o que os coloca em uma condição de autonomia em relação ao narrador, autonomia apenas relativizada na interação dos personagens com a mente criativa do autor, onisciente em relação a eles e sem a qual não existiriam. Apesar dessa onisciência do autor no tocante à obra como um todo, é notório em Dostoiévski a sua habilidade em deixar com que seus personagens se constituam apenas em relação aos seus pares e não na sua relação com consciência do autor ou de um narrador que venha a instaurar. No romance dostoiévskiano, os personagens são convertidos em sujeitos, pois se constituem na inter-relação com os demais personagens. Além do mais, o que caracteriza os seus personagens não são os seus tipos físicos, psicológicos e comportamentais, mas os seus posicionamentos perante o mundo em que existem. Por conta disso, os personagens desse autor são profundamente ideológicos e expressam constantemente juízos diversos sobre o outro e sobre o mundo nos diálogos que travam.

Assim, é no encontro entre as vozes de seus personagens que Dostoiévski constrói o romance, fazendo desses diálogos ideológicos a sua própria “matéria-prima”. Tal procedimento exige que, na criação de uma obra, se preserve então os elementos que Bakhtin aponta como essenciais à autêntica polifonia e, nesse sentido, o romance polifônico precisa apresentar personagens cujas vozes coexistam em pé de igualdade, sem apagamento de dizeres do jogo que se instaura entre interlocutores. Essa coexistência autônoma encontrada no escritor precisa se dar entre vozes que adquirem autoconsciência, consciência do outro e do mundo a sua volta a partir do diálogo com outras vozes, que ainda devem ser equânimes do ponto de vista valorativo e de exercício de poder. Por fim, é também necessário ter em mente que as condições de igualdade entre vozes múltiplas que a noção de polifonia supõe não devem ser confundidas com a mistura dos personagens em uma massa amorfa de entidades que, tendo mesmo valor e poder, coincidem totalmente. Pelo contrário, as vozes em diálogo em um romance, como a própria citação trazida acima aponta, são imiscíveis, o que significa que, no diálogo há, e precisa haver, uma interseção não absoluta entre os pontos de vista distintos de cada um, ou seja, um encontro de vozes cuja interação não implica sobreposição de uma sobre as demais, mas na interconstituição mútua entre as personagens pelas suas enunciações.

No tocante ao procedimento criativo de Dostoiévski, Bakhtin aponta:

[...] A atitude do herói face a si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo

da consciência que o outro tem dele, o “eu para si” no fundo do “o eu para o outro”. Por isso o discurso do herói sobre si mesmo se constrói sob a influência direta do discurso do outro sobre ele (BAKHTIN, 2010, p. 269).

A polifonia pelo viés bakhtiniano é, portanto, o diálogo da palavra com a suas contrapalavras, seja ela no mundo real, seja ela na ficção. Em tese, é o diálogo entre avaliações ideológicas do mundo por meio da palavra e na palavra. Sem a contribuição das palavras do outro, jamais se pode falar em polifonia e, muitos menos, em sujeitos, pois é justamente em função das muitas vozes que se entrecruzam discursivamente que os sujeitos se colocam e se situam nele. Todo dizer dialoga com muitos outros dizeres na corrente enunciativa e, ao mesmo tempo, carrega consigo outras tantas vozes.

Como já mencionamos, a polifonia encontrada por Bakhtin (2010) na obra de Dostoiévski está conformada a quatro atributos: a multiplicidade de vozes e consciências, a plenivalência dessas vozes, a equipolência entre elas e as imiscibilidade delas. Tendo esses quesitos em mente, exemplificaremos mais adiante a visão bakhtiniana da polifonia na análise do conto *Maria*, da escritora Conceição Evaristo (2014).

### 3 O Modelo de Análise Modular do Discurso

O modelo de Análise Modular é um modelo de Análise do Discurso que possibilita realizar diferentes estudos a partir de um quadro descritivo. Segundo Marinho (2004), esse modelo foi desenvolvido por E. Roulet (2001) e sua equipe na Universidade de Genebra e surgiu “[...] num quadro diferente da análise do discurso de orientação francesa, nascida da convergência do marxismo, da psicanálise e da linguística, e também da linguística textual alemã, a qual se centra sobre a noção de coerência” (p. 2).

Esse método de análise vai surgir do encontro de várias correntes e seus diversos teóricos, como, por exemplo, os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin (2010-2011), os conceitos sobre a interação face a face de Goffman (2011) e algumas pesquisas em sociolinguística aplicadas aos tipos de conversações. Portanto, é a junção de diversos estudos de vários teóricos que possibilita analisar um discurso através de um modelo padrão de informações. Nesse sentido, Roulet (2001), o precursor desse modelo de análise, criou uma concepção de análise do discurso a partir da combinação de informações do nível linguístico, textual e situacional. Nas palavras de Marinho (2004):

O discurso não deve ser concebido como uma unidade linguística, mas como resultado da combinação de informações linguísticas e de informações situacionais – que incluem os conhecimentos do ambiente cognitivo imediato e as representações de mundo. Dessa forma, aponta-se a necessidade de se considerar, ao lado da linguística da língua, uma disciplina que se interessa pela articulação entre o linguístico e o situacional no discurso (p. 3).

Para compreendermos a óptica do Modelo de Análise Modular (MAM), é necessário observarmos antes como o seu posicionamento acerca da língua e da linguagem determinam a sua concepção de discurso. À vista disso, os estudiosos desse

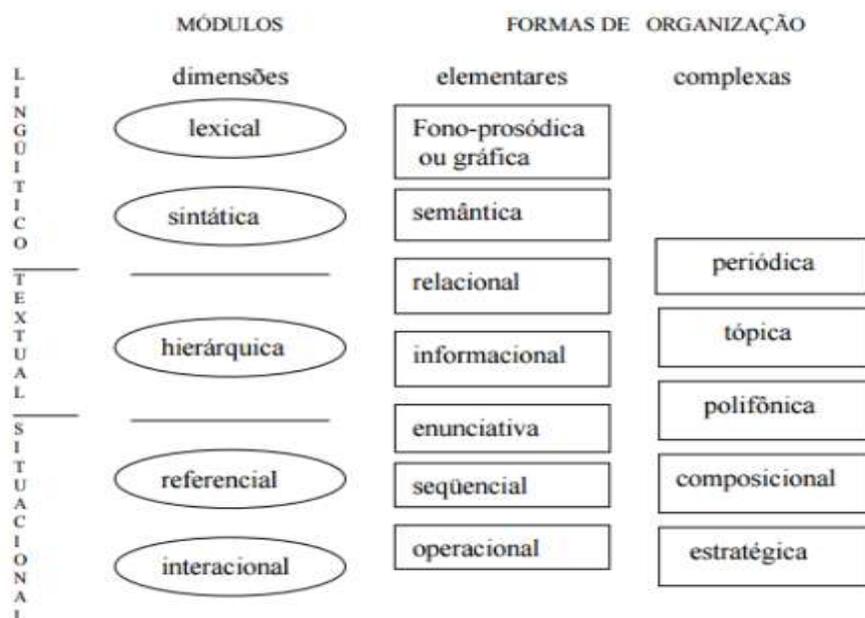
método tiveram como base, entre outros, os estudos do conceito de dialogismo bakhtiniano. Para Bakhtin (2011), a linguagem precisa considerar mais do que as regras gramaticais; antes de tudo tem que se ater aos diversos fatores extralinguísticos. Nessa linha, a interpretação dos fenômenos linguísticos não pode deixar de interessar-se pela natureza das relações entre os interlocutores, assim como pelo contexto em que vivem e pela situação em que a comunicação se dá.

Portanto, nesse modelo, o discurso é o que induz a ação, é um objeto de análise complexo e divisível em partes menores, o que possibilita um olhar individual para os subitens que o constituem de modo a melhor entendê-los e posteriormente organizá-los analiticamente de forma interdependente. Ou seja, separam-se as partes desse grande complexo orgânico que é o discurso e analisa-se separadamente cada uma delas visando à compreensão do que retratam, para, então, chegar-se a uma visão geral do todo articulado e detalhado que formam. Eis o método do modelo Modular, que entende o discurso como um fenômeno cujas partes constituintes estão ordenadas hierarquicamente. Conforme apontam Natale e Tomazi:

A hipótese modular é sustentada pela visão de que cada um dos componentes do discurso é constituído de subsistemas independentes, os módulos, que são distribuídos em subconjuntos nas três dimensões: a linguística (aspecto sintático e lexical); a textual (aspecto hierárquico); e a situacional (aspecto referencial e interacional). Esses subsistemas independentes que constituem os módulos fornecem informações simples que são combinadas com as informações extraídas de sete formas de organização elementares, para, depois, serem descritas as cinco formas de organização complexas (NATALE; TOMAZI, 2012, p. 245).

Como se pode observar, o MAM é um instrumento de análise que abrange os componentes linguístico, textual e situacional e que estuda o discurso como interação verbal, a partir de um quadro de análise que permite compreender as atividades discursivas e oferecer a possibilidade de organizar os discursos como autênticos e não como procedimentos mecânicos. Para Roulet (2001) o discurso pode ser analisado dentro de diversas estruturas separadas, ou seja, decompondo o discurso em subconjuntos cujas informações são posteriormente reunidas.

Assim, para realizar um estudo a partir desse modelo, primeiramente, devemos identificar os módulos necessários à composição de um dado discurso, uma vez que cada um fornecerá um tipo diferente de descrição. Posteriormente, devemos combinar as informações obtidas pelos módulos e relacioná-las para melhor interpretar o discurso. Portanto, os módulos linguísticos, textual e situacional serão combinados com as sete formas de organização elementares que são a fono-prosódica ou gráfica, semântica, relacional, informacional, sequências, enunciativa e operacional. Finalmente essas etapas serão combinadas para que se possa chegar à descrição de cinco formas de organização complexas, periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica, conforme o esquema abaixo, proposto por Roulet (2001).

**Figura 1-** Modelo de Análise Modular

Fonte: ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 51.

Portanto, nesse modelo de análise o discurso passará pelas dimensões modulares e pelas formas de organização elementares para, então, chegar às formas de organização complexas. Segundo Rufino (2011), o modelo de Análise Modular irá decompor o discurso em módulos para reduzi-lo a informações simples e posteriormente descrever como essas informações podem ser combinadas para dar conta da organização dos discursos analisados, de modo que cada dimensão possa ser descrita de forma independente.

[...] o discurso pode ser decomposto em sistemas de informações que, por sua vez, podem ser descritos independentemente e, posteriormente, as informações obtidas de cada módulo podem ser relacionadas, dando uma visão apurada de toda a completude do discurso (RUFINO, 2011, p. 83).

Isso posto, de acordo com a pesquisadora, primeiramente, devemos isolar e descrever cada sistema de informação para, em seguida, descrever como essas informações podem ser combinadas entre si. Nesse modelo de análise não existe uma ordem preferencial e, por isso, priorizam-se os objetivos de quem está analisando e o material a ser analisado. Em síntese, as formas de organização complexas derivam da combinação das informações fornecidas pelos sistemas de informações elementares e esses resultam das combinações das informações produzidas pelos módulos linguístico, textual e situacional. No parágrafo seguinte explicaremos com mais detalhes os módulos linguísticos, textual e situacional e, na seqüência, as formas de organização elementares e complexas.

O módulo linguístico compreende as dimensões sintática e o lexical: o sintático estuda as regras que determinam as construções de proposições em uso numa língua e

o lexical estuda a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e os sentidos das palavras; o módulo textual abrange a dimensão hierárquica e considera as regras do texto através de três diferentes níveis de análise: trocas, intervenções e atos; o módulo situacional envolve o referencial e o interacional: a dimensão referencial estuda as questões referentes ao contexto e as situações de produção do discurso e o interacional refere-se às situações de interação do discurso que ele representa, delimitando os níveis de interação e especificando suas características.

Na sequência, após juntarmos as informações dos módulos que julgamos necessárias para a análise, temos as formas elementares de organização que são sete: fono-prosódica que vai combinar as informações dos módulos sintático e lexical para esclarecer sobre as representações fonéticas ou ortográficas; a semântica que combina as informações fornecidas pelo sintático e lexical, descrevendo as representações semânticas ou proposições; a organização relacional que resulta da combinação do módulo hierárquico, referencial e sintático e que lida com as relações ilocucionárias e interativas que há entre os constituintes do texto; informacional estuda a temática e a progressão das informações que são ativadas no texto, ou seja, o encadeamento das informações no discurso; enunciativa estuda os fragmentos de discurso representados pelo locutor/escritor nos diferentes níveis que constituem uma intervenção; e o operacional resulta da combinação dos módulos hierárquico e referencial e vão permitir descrever a combinação das falas e dos gestos.

Posteriormente, após a junção das informações dos módulos e das formas elementares passamos para as formas complexas que, segundo Rufino (2011, p. 19) “são consideradas complexas por surgirem da combinação de informações oriundas dos módulos e das formas de organização elementares”. De acordo com essa pesquisadora, as formas complexas são cinco: periódica, relacionada à pontuação presente no discurso oral ou escrito, sendo considerada complexa por combinar informações do módulo hierárquico, interacional e referencial com a organização fono-prosódica e relacional; tópica, ligada à análise estática da organização informacional e resulta da acoplagem de informações dos módulos hierárquico, referencial e linguísticos com as formas de organização informacional e relacional; polifônica, que visa descrever as funções dos discursos mostrando as funções das diferentes vozes em um texto e são provenientes dos módulos hierárquico, linguísticos, interacional e referencial e das formas de organização relacional, tópica, composicional e até mesmo periódica; composicional, que estuda as formas e funções das sequências tópicas já descritas na análise da organização sequencial através da combinação das informações dos módulos hierárquico, referencial e linguísticos e também das formas de organização sequencial e relacional; e a estratégica, que visa explicar as relações de faces e de lugares e resulta da acoplagem de informações de origem linguística, referencial, interacional, hierárquica, relacional e tópica.

### 3.1 A polifonia a partir da teoria de Análise Modular do Discurso

Para nosso estudo apresentaremos as análises do conto *Maria*, da escritora Conceição Evaristo (2014) a partir dos módulos interacional, da forma elementar enunciativa para, na sequência, verificar a polifonia presente nesse conto. Dessa forma,

o módulo interacional ocorre por meio da interação entre três parâmetros: canal de interação, que emprega como suporte o canal oral, escrito e o visual; o modo de interação, relacionado à posição dos envolvidos no tempo e no espaço; e o tipo de vínculo de interação que será de reciprocidade ou de não reciprocidade. Nesse módulo, as informações são representadas por meio de um quadro, o “enquadre interacional”. Logo, para este estudo, nesse quadro vai estar representada a materialidade da situação de interação, no qual a escritora Conceição Evaristo e seu público/leitor ocupam as posições de interação através de um canal escrito, interagindo numa relação de não reciprocidade e distância espaço temporal.

Quanto à análise da antologia a partir da dimensão interacional, observamos que eles revelam materialidades interacionais complexas e, por isso, o enquadre obtido apresenta seis posições de interação em três níveis de encaixamento, no qual o nível mais externo será a publicação da antologia a partir da interação entre a escritora e seu público leitor. Essa interação acontece em uma relação de não reciprocidade em distância espaço temporal e canal escrito. No nível médio temos a narração da antologia que acontece entre o narrador e seu narratário no qual eles se relacionam na narração dos contos através do canal escrito, em distância espaço-temporal de não reciprocidade. No nível mais interno temos uma interação de co-presença espaço-temporal e de reciprocidade entre os personagens. Consideramos que essa relação de reciprocidade acontece porque os personagens interagem entre si no mesmo lugar e no mesmo tempo, ou seja, eles estão no mesmo “mundo”, que é o mundo do conto. Diferente do que acontece com relação à escritora e seu público, pois não é possível que ambos interajam entre si e que haja reciprocidade, uma vez que eles não estão presentes no mesmo lugar e tempo.

Para realizar a análise polifônica desse conto, a primeira etapa será a organização elementar enunciativa, que nos permite refletir sobre a função dos discursos representados no discurso produzido. Ou seja, a forma de organização enunciativa, constitui-se da acoplagem de informações do módulo interacional. Assim, segundo Rufino (2011), o módulo enunciativo diz respeito ao posicionamento do locutor em relação ao discurso, isto é, suas atitudes e opiniões, preocupando-se com os discursos produzidos e representados. Assim, quanto ao discurso produzido, ele será o que o locutor diz, ou seja, está situado na interação entre o compositor e o seu leitor/ouvinte. Já o discurso representado será tudo que alguém disse, ocupando os níveis mais internos na interação e podem ser formulados, designados ou implicados. O discurso formulado pode ser direto, indireto e indireto livre: a) representação direta, introduzida por um verbo de fala, dois pontos, travessão e/ou aspas; b) representação indireta, caracterizada por uma modificação dos dêiticos e/ou eventualmente introduzida por um verbo de fala e um complementador; ou c) representação indireta livre, em que as fronteiras entre os dois discursos são diluídas. O discurso representado designado é quando o discurso pode ser designado por um verbo, por exemplo, chamar; e o discurso implicado será marcado através de conectores com a função de estabelecer um encadeamento com o discurso de um interlocutor.

A junção das informações enunciativas com as informações obtidas pelo módulo interacional nos possibilitam distinguir o discurso em diafônico (que representa o discurso do interlocutor), polifônico (que representa o discurso de terceiros) e autofônico (que representa o discurso do próprio locutor no passado ou no futuro). Assim, a análise

do conto a partir da forma de organização complexa polifônica, visando identificar a pluralidade de vozes que emana dessa narrativa, vai utilizar as informações do módulo interacional e da forma elementar enunciativa. Nesse viés, a partir das próximas seções realizaremos essa análise polifônica, porém, antes, é necessário discorreremos acerca da contextualização da obra e da narrativa para melhor situarmos nosso *corpus* de pesquisa.

#### 4 O *corpus* de análise

*Maria* é um dos quinze contos que compõem a obra *Olhos D'água*, uma coletânea repleta de questões relacionadas às minorias, sobretudo às mulheres negras e pobres, e às agruras pelas quais esses grupos sociais passam cotidianamente. Escancarando uma realidade social dura e desigual, a autora dá voz a personagens cuja luta diária pela sobrevivência é intensa, porém não menos cheia de poesia na sua representação literária.

O conto que analisaremos traz a história de uma empregada doméstica que, depois de um dia fatigante de trabalho, toma um ônibus em que coincidentemente encontra com o seu primeiro ex-marido e conversa com ele, que, logo após se despedir dela, assalta, com a ajuda de um comparsa, os passageiros daquele coletivo. Maria, desorientada com o que acabara de presenciar, pois sequer sabia que o seu antigo companheiro agora era bandido, de uma hora para a outra se vê cercada de pessoas que a apontam e a ofendem por julgarem-na cúmplice dos bandidos, uma vez que foi vista conversando com um deles e que foi também poupada por eles no assalto. Essa passagem do conto é particularmente interessante para a nossa análise por trazer uma variedade de posicionamentos avaliativos acerca de Maria manifestos numa discussão acalorada dentro do coletivo que resulta na sua trágica morte por parte dos passageiros.

Adiante, observaremos que a observação do conceito de polifonia na análise do conto pela perspectiva do Círculo de Bakhtin se dá de modo diferente ao empregado pela Análise Modular do Discurso, que, para estudar um objeto, o faz a partir de uma série de categorias que englobam desde elementos lexicais e sintáticos até a dimensão sociointeracional. Já no campo da Filosofia de Linguagem, a polifonia é um parâmetro por meio do qual se podem levantar diferentes projetos de sentido, visões de mundo e representações diversas acerca de qualquer questão que um *corpus* possa abarcar, não se atendo a questões exclusivamente gramaticais.

#### 5 *Maria pelo viés bakhtiniano: há polifonia no conto?*

Analisando o conto pela óptica bakhtiniana, pode-se notar uma multiplicidade de vozes que nele se manifestam. Contudo, cabe observar de que forma se dá a coexistência dessas vozes na obra da escritora mineira. Há uma voz narrativa que convive com as dos demais personagens e, no que tange a essa relação, parece haver uma postura de não sobreposição da primeira no seu diálogo com as demais. É bastante claro no conto que o narrador em momento algum faz juízos de valor quanto aos personagens, limitando-se a apenas relatar uma sucessão de fatos e a reproduzir os enunciados das personagens por meio de discurso indireto.

Assim sendo, a voz do narrador e as dos personagens, vistas de um modo geral nesse primeiro momento da análise, coabitam a história, resguardadas pelos mesmos

direitos em termos de valor de poder na trama. No entanto, já na inter-relação entre os personagens, há divergências que precisam ser destacadas. Dentre todos os que se encontram no ônibus, somente o motorista e um outro passageiro não nomeado se manifestam a favor da protagonista que está prestes a ser punida por ser suspeita de cumplicidade com o assalto que acabara de acontecer. Nesse momento, alguns se retiram do ônibus, enquanto os que permanecem se juntam para linchá-la sob gritos de puta, negra e safada.

Relembremos que, por polifonia, pressupõem-se os quatro itens que irão garantir a isonomia total entre as vozes que se fazem presentes em uma enunciação. Percebe-se no conto que há vozes que expressam julgamentos favoráveis e contrários à Maria e que, nesse embate acerca da culpa ou da inocência dela, pesam as vozes daqueles que a consideram coparticipante do assalto. Estas simplesmente ignoram as poucas vozes que se manifestam a favor da mulher e se lançam com extrema violência sobre ela, linchando-a brutalmente.

O desenrolar desse acontecimento nos mostra que há vozes preponderantes e vozes não ouvidas e, nesse sentido, cabe a relativização acerca da noção de polifonia. Se a polifonia pressupõe vozes que partilham de mesmo valor, poder, consciência e distinção, então vale questionar as assimetrias que se observam entre as vozes em jogo. Pensar na prevalência das vozes que concorrem para o linchamento de Maria e que estas exercem maior força sobre as demais, consumando tal atrocidade, implica levarmos em conta que essas que se lançam sobre ela demonstram maior poder e não encontram ressonância entre todas as demais presentes, pois lembremos que alguns tentam defendê-la enquanto outros abandonam o ônibus.

Nesses termos, temos uma corrente enunciativa, no desfecho do conto, em que aqueles que participam do ato de linchamento se impõem, contrariando outros sujeitos que reprovam o ato bárbaro. Em decorrência disso, tem-se uma assimetria baseada no fato de que as vozes presentes no coletivo apresentam juízos avaliativos e poder de intervenção desequilibrados. Portanto, não se pode falar em polifonia em linhas gerais no desfecho do conto, mas, no máximo, em uma conjugação de vozes com igual valor e poder apenas entre os sujeitos personagens que de fato participam do ato de linchamento. Entre esses e todos os outros personagens, há uma grande discrepância no que se refere ao valor e ao poder atribuídos.

### ***6 Maria a partir da perspectiva modular***

Da mesma forma como perscrutamos a polifonia bakhtiniana no conto *Maria*, faremos a seguir a análise do conceito pela perspectiva da Análise Modular do Discurso. Dada a natureza eminentemente dialógica do *corpus*, optamos por examiná-lo a partir do módulo interacional, da forma de organização enunciativa, para posteriormente chegarmos à forma complexa polifônica. Nesse sentido, detalharemos com mais precisão as informações necessárias para nossa análise.

Considerando a presença de discursos produzidos e formulados que estruturam o conto, percebemos que ele se organiza a partir do primeiro nível da estrutura enunciativa. Dessa forma, temos um discurso produzido pela escritora Conceição Evaristo (CE) que se inicia no primeiro ato e se encerra no último. Fazendo uma

correlação com as informações obtidas no enquadre interacional, podemos dizer que o primeiro nível da estrutura enunciativa se relaciona com os dois primeiros níveis interacionais do enquadre. A relação estabelecida refere-se à relação Conceição Evaristo/Público e à relação narrador/narratário, que apresenta grande força de ordem interacional, referente às ações realizadas pelos interlocutores em cada relação.

O segundo nível da estrutura enunciativa é marcado pelo discurso representado formulado, introduzido pela presença do narrador (N) que tem início no primeiro ato e fim no último. Em relação às informações interacionais, este segundo nível da estrutura enunciativa se relaciona com o segundo nível interacional do enquadre que propusemos para o conto. Esse nível estabelece a passagem para o mundo do narrado e aciona as etapas específicas da história do conto, no qual o narrador (N) introduz um discurso representado formulado, que coincide do início ao fim com os discursos dos níveis anteriores.

No último e terceiro nível da estrutura enunciativa, que se relaciona ao terceiro e também último nível do enquadre interacional, evidenciamos a relação entre os personagens do conto. Temos a presença de um discurso polifônico altamente marcado pela voz de outrem, que pode ser identificado pelo sintagma nominal todos. Ex: *A37 Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam T [gêmeos, A38 e da alegria dele].*

A organização complexa polifônica trata do fato de o discurso de um locutor poder apresentar vozes que correspondem a outros discursos ou outros pontos de vista diferentes do seu. Essas vozes representam palavras ou pensamentos do próprio locutor, do destinatário ou de outras pessoas, ou ainda pontos de vista não relacionados a locutores específicos. Nesse nível, mostram-se as funções de tais vozes no discurso cruzando as informações oriundas do módulo interacional com as formas de organização enunciativa.

A análise polifônica, de acordo com o MAM (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), se dá inicialmente pela descrição da organização enunciativa, uma vez que ela nos permite refletir sobre os discursos representados e os produzidos. Nas palavras de Rufino (2011):

A noção de polifonia adotada pela abordagem modular tem seus fundamentos na concepção de polifonia bakhtiniana [...] mas a grande contribuição trazida pela proposta de Roulet, em nosso ponto de vista, é a ideia da polifonia como uma noção complexa na qual podemos perceber a intervenção de outras formas de organização do discurso [...] A organização complexa polifônica trata do fato de o discurso de um locutor poder apresentar vozes que correspondem a outros discursos ou outros pontos de vista diferentes do seu. Essas vozes representam palavras ou pensamentos do próprio locutor, do destinatário ou de outras pessoas, ou ainda pontos de vista não relacionados a locutores específicos (RUFINO, 2011, p. 221-222).

Segundo nosso estudo, nesse conto temos a construção da identidade de vários personagens que foi evidenciada por meio da narradora, instituída pela autora, sobre a história de uma mulher negra, pobre e empregada doméstica que é cruelmente assassinada na volta para casa depois de um dia cansativo de serviço. A história é narrada em primeira pessoa por um narrador que é instituído pela escritora Conceição

Evaristo e que se dirige ao público/leitor a partir das vozes dos personagens. Desse modo, este nível da interação é evidenciado no terceiro nível do enquadre interacional que propusemos. Portanto, temos um discurso produzido pela escritora Conceição Evaristo (CE) que se inicia no primeiro ato e se encerra no último. *CE [ N [ A1 Maria estava parada a mais de meia hora no ponto de ônibus. [...] A170 que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho] ]*.

Podemos perceber, também, que existe uma relação entre a autora e a narradora, na qual a escritora utiliza-se da voz desta para sustentar seu discurso, sendo essa estratégia utilizada pela escritora para construir sua identidade negra relatando experiências pessoais. Na narrativa, após a voz da narradora, temos a voz da protagonista “Maria”, durante a qual a personagem interfere na condução narrativa do enredo, deixando clara a sua participação na história. Dessa forma, temos um discurso representado designado como diafônico, porque representa o discurso do interlocutor, ou seja, remete à voz da personagem. Juntamente com essa personagem surge uma outra: o ex-marido. Desse modo, as personagens vão se constituindo discursivamente, e a partir dessa evolução podemos verificar que vai se estabelecendo um elo entre eles no qual as atitudes presentes na fala de cada personagem mostram os valores individuais.

Nesse mesmo viés, é relevante ressaltar que nesse conto temos representado o discurso formulado polifônico, que vai trazer as vozes de terceiros, como, por exemplo, a voz do motorista do ônibus tentando defender a protagonista e impedir que o pior acontecesse. Logo, temos um discurso direto representado indiretamente, uma vez que a escritora usa a voz do outro para mostrar que alguém tentou impedir a desgraça. Porém, apenas uma pessoa se manifesta a favor da vítima, ou seja, é uma maioria contra um apenas, demonstrando o grande preconceito sofrido por um número de pessoas que são menosprezadas pela maior parte da população. Portanto, a partir da nossa análise, constatamos que a personagem Maria silencia, sob o ponto de vista polifônico, a partir do momento que não tenta se defender, uma vez que dá a entender que não adiantaria tentar argumentar em seu favor, demonstrando fragilidade e impotência diante dos agressores.

## 7 Considerações finais

Bakhtin (2011), reflete sobre o conceito de polifonia a partir do estudo realizado na obra de *Dostoiévski* e, nela, observa que as vozes dos personagens presentes nos romances desse escritor apresentavam independência na estrutura da obra sem, no entanto, deixarem de se influenciar mutuamente. Portanto, para Bakhtin (2011), em um mesmo texto ocorrem várias vozes se expressando ao mesmo tempo, o que corresponde diretamente ao fato de que no seio de todo discurso subjazem discursos outros, claramente expressos ou implícitos.

Nessa acepção, Bakhtin (2011) relaciona o romance polifônico ao conceito de dialogismo, uma vez que na polifonia os personagens estabelecem relações entre si modificando a interação do narrador junto a elas. Pensando a polifonia pelo viés bakhtiniano, diversas vozes se entrecruzam a partir da interação de personagens que possuem pontos de vista heterogeneamente constituídos, que ocupam lugares que se deixam interpenetrar pelos respectivos pontos de vista de outras vozes e consciências. E

isso resulta não apenas do diálogo entre os personagens, entre estes e o autor/narrador, ou entre a obra e o leitor, mas ainda da congregação de diferentes gêneros discursivos típica dos gêneros romanescos e afins, o que inclui os contos. Esse é o princípio discursivo por meio do qual um autor pode assumir nova posição na representação de personagens, como o fez Dostoiévski.

Como um desdobramento das ideias do círculo e a articulação delas a outros campos epistemológicos situados no âmbito dos estudos discursivos, a Análise Modular do Discurso também se centra no caráter dialógico da linguagem, porém com um enfoque um pouco diferente, que parte de aspectos marcadamente estruturais para em seguida compreender os papéis e efeitos destes elementos gramaticais e suas inter-relações, com vistas à compreensão do todo discursivo a que dão forma.

Ressaltemos, entretanto, que a dimensão estrutural não é desconsiderada no tratamento dado pela Filosofia da Linguagem, pois não podemos nos esquecer de que toda enunciação é concreta e depende de um sistema material compartilhado para que a comunicação seja operacional. Contudo, a abordagem bakhtiniana pondera que a língua considerada isoladamente pouco pode nos dizer em termos concretos. Mais importantes são as séries de representações em diálogo que o sistema linguístico permite manifestar e que tornam cada enunciação e seus consequentes efeitos de sentido únicos.

Percebemos, por conseguinte, que, tanto na Filosofia da Linguagem, quanto na Análise Modular do Discurso, é possível empreender análises à luz do conceito de polifonia e as suas gradações mais ou menos simétricas. O que diferencia ambas é apenas a forma como realizam tais análises. A primeira concebe a polifonia como um atributo passível de ser observado em qualquer enunciação, a partir de uma metodologia que pressupõe os aspectos estruturais da linguagem como a base material por meio da qual os sentidos, seu real objeto de análise, assumem um sem-fim de possíveis caminhos semânticos, enquanto a segunda lança mão de uma metodologia que subdivide o conceito em categorias de caráter linguístico e extralinguístico para enquadrar o seu objeto de análise a elas, dando igual ênfase a aspectos gramaticais e discursivos.

### *Referências*

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARINHO, Janice Helena Chaves. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. *Revista da Anpoll* 16. São Paulo, p. 75-100, jan./jun. 2004.

Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/551>.  
Acesso em: 12 jan. 2020.

NATALE, Raquelli; TOMAZI, Micheline Mattedi. Análise do discurso: o modelo de análise modular. *Revista (CON)TEXTOS Linguísticos*, Vitória, v. 6, n. 7, p. 242-256, 2012.  
Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/4629>.  
Acesso em: 12 jan. 2020.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L; GROBET, A. A un modèle et um instrument d' analyse del'organisation du discours. Berne: Lang, 2001.

RUFINO, Janaína de Assis. *As Minhas Meninas: análise de estratégias discursivas em canções buarqueanas produzidas no período da ditadura militar*. 2011. 337f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / POSLIN. Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/DAJR-8MRG2K>. Acesso em: 12 jan. 2020.